



**TERCEIRO DOMINGO DO ADVENTO
(14/12/03)**

Primeira leitura (Antigo Testamento): Sofonias 3:14-20

O profeta Sofonias atuou provavelmente durante a época da reforma do rei Josias (620 – 609 a.C.) Este profeta também é apresentado como “*filho de Cush*” (Sf 1:1) o que pode ser entendido como sendo Etíope já que esta região, na época, conhecida como *Cush*. A suspeita de Sofonias ser um peregrino etíope é reforçada pelo fato da sua profecia mencionar os etíopes (2:12; em hebraico *cushim*). Neste caso, Sofonias seria outro representante da antiga e permanente relação entre Etiópia e Judá que tem como referência mais antiga a Rainha de Sabá (1 Rs 10:1-13) e como mais recente o Eunuco batizado por Felipe (At 8:26-40).

Na sua profecia, Sofonias se apoia na teologia do “*Dia do Senhor*” (“*Iom Ihwh*”; cf. 1:7 e 14-16, 2:2) presente em Amós (5:18,20) e que outros profetas como Oséias chamam “*dia de julgamento*” (5:8 ou 5:9). A partir desta teologia do julgamento geral de Deus sobre todos os povos, o profeta demonstra a natureza dos sistemas de poder que se voltam insistentemente para a exploração das pessoas mais pobres e para a guerra. O profeta vê uma grande liturgia mundial chamada “*Dia do Senhor*” (termo que era também usado para celebrações solenes no Templo de Jerusalém, cf. Jl 2:1). Esta liturgia é organizada pelo próprio Deus que convoca diante de si os poderosos da terra para implantar finalmente sua justiça (cf. Sf 1:8-13). Este é um dia de angústia para os que praticavam a injustiça impunemente (cf. Sf 1:14-18). No entanto, para quem espera a justiça e para quem é pobre e humilde será um dia de misericórdia e de alegria (2:3). Esta alegria é a que se expressa no texto deste domingo.

No clímax litúrgico estouram gritos de alegria (v.14). Sabemos quem se alegra e para quem resta misericórdia. Esta gente que antes vivia angustiada com os abusos dos poderosos se anuncia que não haverá mais motivo para o medo nem o mal continuará (v.15b – 16). Os opressores perderão seu poder e as suas vítimas serão finalmente protegidas e não abandonadas (v.18b-19). Enfim, a vida será transformada pelo amor de Deus numa grande festa! (v.17-18). O versículo 20 é claramente uma Acréscimo da época do exílio ou pós-exílio (587 até 450 a.C. aprox) quando esta profecia foi sistematizada. Neste último versículo a esperança do fim da opressão é estendida aos cativos na Babilônia (Humberto Maiztegui Gonçalves)



2ª leitura: Epístola: Filipenses 4.4-7 (8-9)

Parece que o produto que mais está em falta em nossas cidades é a paz. é possível ter tudo: casa, emprego, dinheiro, família, e mesmo assim, não se ter paz. muita gente daria tudo o que tem pela certeza da paz duradoura.

Neste texto Paulo nos fala justamente de Paz. E, segundo ele, a paz é possível de ser vivenciada por todos nós. Ela é a ausência de lutas ou guerras, mas uma disposição interior que nos faz viver uma vida com qualidade apesar da luta que nos cerca. Mas para que a paz de Deus seja uma realidade em nossas vidas precisamos obedecer algumas ordensL

Em primeiro lugar, devemos aceitar sua sugestão (v.6) Há uma sugestão que Deus nos dá há muito, mas que teimamos em não acolher. Ele diz: "não andeis ansiosos". Há alguém que discorde dos poderes malévolos da ansiedade nesta sociedade? Quantos não sucumbem frente a este mal a ponto de dar cabo de suas próprias vidas! Mas neste texto recebemos um convite de Deus. Um convite a depositar sobre ele todas as nossas ansiedades, porque ele tem cuidado de nós. Sim, até aqui nos ajudou o Senhor! Deus é capaz de cuidar de todas as nossas ansiedades e de todos os nossos problemas. Não importa quão grande seja o problema, não devemos olhar para os lados, mas para cima! Há um Deus nos céus, e Ele tem cuidado de nós. Olhem para os lírios do campo... Olhem para as aves do céu!... Não valem mais do que eles? Pergunta Jesus! Aceite a sugestão de Deus, entregue tudo ao seu cuidado.

Em segundo lugar precisamos aceitar suas condições (v.6). Ele, em segundo lugar, apresenta algumas condições que são também meios de entrega. Ele nos diz: "sejam conhecidas...". O que significa isso? Significa que precisamos entregar a Deus, por meio da oração, nossos problemas e nossa ansiedade. Mas ele também diz que, ao lado da súplica deve também está presente a "ação de graças", a eucaristia, a comunhão, a presença ao sacramento. O agradecimento constante. Quando aprendemos a agradecer descobrimos que a realidade está mudando a nossa volta. Quando oramos e entregamos nossos cuidados ao Senhor, entregamos mesmo! Já não está conosco! Devemos dar graças a Deus porque ele cuidará melhor dos nossos problemas.

Em terceiro lugar devemos aceitar seus efeitos (v7). O grande problema que ocorre é que "entregamos" nossos problemas a Deus, mas permanecemos "agarrados" a eles. Para gozarmos a paz de Deus, temos que aprender a receber e a aceitar seus efeitos. A "paz de Deus" vai guardar nosso coração e nossa mente em Cristo. A angústia não mais atingira nossa mente e não mais afligirá nosso coração. Eles estão agora guardados pela paz de Deus. Podemos descansar.



A paz de Deus é muito diferente da *pax romana* ou da paz imposta pelo exército americano no Iraque. Esta paz que sentimos em nossa alma, não é porque tudo nos vai bem, diz uma música antiga, é porque tememos ao Senhor. (Jorge Aquino)

Santo Evangelho: Lucas 3.7-18

No segundo domingo do Advento as comunidades foram iluminadas pelas pregações de João no deserto. Os contornos da narrativa de Lucas inserem a proposta do novo tempo nas coordenadas da história oficial e também na história marginal, protagonizada por João, o filho de Zacarias.

Lucas segue o esquema de Mateus, mas amplia o texto por meio de diálogo. Em 3,6, final do texto do segundo Domingo, a afirmação era sob certos aspectos genéricos: Todos verão a salvação. (v 6). Para que nenhum "Teófilo" fizesse a distinção entre ver a salvação e ser destinatário da salvação, Lucas ilustra por meio do diálogo entre João Batista e as pessoas que a teologia oficial considerava fora de qualquer possibilidade de participação.

Estrutura do texto:

- a condenação da falsidade religiosa: a pureza racial não garante a salvação (v7 b-9)
 - a partilha como obra que produz frutos de inclusão. É importante notar que não se trata de esmola, mas repartir.
 - a justiça como medida convém observar aqui que cobradores de impostos eram duplamente odiados: por sua prática marcada pela extorsão e propina, e por serem considerados impuros por manusearem dinheiro romano. A conversão neste caso corresponde a passagem da "justiça" do império para a justiça do Reino. É ilustrativo para conversão o texto de Lucas (9,1-10), cuja devolução ali praticada excede a justiça humana.
 - Abuso do poder. Eram os homens da "vigilância que cuidavam do normal". A resposta dada por João a estes é a clara denúncia de sua prática abusiva e violenta,
 - Superação do ritualismo: água que servia para o ritualismo cútico dá seu lugar a ao Espírito, a força vinda de Deus
- Os vv 18-20 relatam de forma sumária da denúncia que faz as autoridades e as conseqüências.

Relendo o texto.

A leitura do texto que reconhece a cada um dos protagonistas revela João como precursor de Jesus e como voz profética que convoca, prepara e vivencia a chegada do Messias.



As duas metáforas v. 9 e v.17 revelam que o julgamento chegou:

As perguntas “quem é quem?” apontam para mudanças estruturais. As instituições tidas como inquestionáveis (pureza racial e pureza ritual) são revogadas e substituídas.

Como nos tempos áureos do profetismo, a centralidade da ação profética de João recai sobre a prática da Justiça, - “o que devemos fazer?” (Lauri Wolmann)